



4324 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT12 - Currículo

As culturas silenciadas no currículo: contribuições da Literatura Brasileira para as relações de gênero.
Ana Paula Mendes Rodrigues Cavalcanti - UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

RESUMO

As questões de gênero sempre foram muito fortes no Brasil. O homem considerado o sexo forte, desbravador, aventureiro e a mulher, o sexo frágil, submisso, sempre à espera das convenções sociais impostas de acordo com a época. Enfatizar, ainda que breve, a situação das mulheres no Brasil no século XIX significa, para mim, um encontro com uma realidade hoje reconfigurada gradativamente. Ainda somos a geração que nos orgulhamos da ascensão social feminina, mas que, cotidianamente, ouvimos depoimentos e noticiários de violência de diversas formas contra a mulher. Dessa forma, o presente artigo intitulado “As culturas silenciadas no currículo: as contribuições da literatura para as relações de gênero”, tem como objetivo verificar contribuições da educação para a ascensão social das mulheres na década de 30, representadas através das personagens Madalena, do Romance *São Bernardo*, de Graciliano Ramos e da professora Conceição, da obra *O Quinze*, de Rachel de Queiróz. Este artigo busca ainda, revelar o quanto o currículo tem colocado a mulher como um gênero esquecido na educação. Para a concretude da pesquisa busco aparato em referenciais teóricos que revelam representações de mulheres. Entre eles, têm destaque: Freyre (2004), Morais (2002) e Beauvoir (1980).

1. Introdução:

O currículo ainda é tido por muitos(as) educadores(as) como uma grade composta de conteúdos das matérias escolares ou acadêmicas. Essa visão ganha corpo nas escolas e é transmitida, também, dentro das universidades, sob a perspectiva de disciplina. O currículo, porém, transcende o conjunto de disciplinas conteudistas, dispostas numa grade, pois é identidade, “pista de corrida” e nesta pista, nos tornamos o que somos. (SILVA, 2007, p. 25) Por isso, não podemos conceber um currículo pronto, acabado, muito menos, descontextualizado dos aspectos sociais, econômicos, políticos, ideológicos, culturais.

Enquanto professora de *Organização do Trabalho na escola e o currículo* componente que ministrei em diversas licenciaturas da Universidade Estadual da Paraíba, tenho buscado trabalhar as questões de culturas silenciadas no currículo, e nesse sentido, destaco as algumas minorias que tiveram e ainda têm, relações desiguais de força tais como as mulheres, a cultura afro-brasileira, os homossexuais, as relações de matrizes africanas.

O presente artigo parte do estudo que fizemos (eu e os/as estudantes) em sala de aula sobre as teorias pós-críticas de currículo quando as mesmas trabalham a questão do multiculturalismo e das diferenças culturais. Entre as diferenças, destacamos as de gênero, que desde o Brasil patriarcal, tornaram mais acentuadas as relações de poder entre homens e mulheres destacando-o, como o “sexo forte” e ela, como “o sexo frágil, o belo sexo”. Traz como objeto de estudo a educação, que foi o fator de ascensão social da mulher representada nos romances modernistas regionalistas da década de 30, principalmente a mulher que frequentava a Escola Normal.

As diferenças culturais se estenderam, inclusive, para o currículo fazendo com que os homens tivessem acesso a componentes curriculares e cursos em que podiam exercer as funções de mandonismo, acentuando as relações de poder. Às mulheres, restaram as funções de cuidado, de extensão do lar. Foi na profissão de professora, que encontraram respaldo de independência, inclusive, para fugir dos destinos que eram prontos e naturalizados, através do casamento.

Fazendo uma análise das relações sociais existentes no Brasil, percebe-se que estas se constituíram de acordo com o modelo de sociedade, levando em consideração os aspectos políticos, econômicos, ideológicos e culturais em cada momento histórico. Dessa forma, para uma sociedade de economia agrário-exportadora ou urbano-industrial, como se caracterizava a patriarcal do século XIX, alguns personagens eram respeitados e possuíam supremacia perante os demais, seja pela cor, pela classe social a que pertenciam, pelo cargo que ocupavam ou pelo gênero. Os outros viviam sob o regime de submissão, destacando-se, entre estes, as mulheres.

Para o estudo e aprofundamento dessas representações femininas nas obras literárias, escolhemos o Modernismo no Brasil, especificamente, os romances regionalistas das obras *O Quinze*, de Raquel de Queiroz e *São Bernardo*, de Graciliano Ramos. Nas obras citadas encontramos personagens femininas expressivas que apresentavam comportamentos considerados avançados ou não naturalizados para o belo sexo ou o sexo frágil. São as personagens Conceição e Madalena, respectivamente. Professoras normalistas que, consideradas à frente de seu tempo, eram capazes de discutir assuntos não considerados para mulheres, além de não quererem se submeter aos cotidianos de vigia e punição que caracterizavam os casamentos.

A proposta de trabalhar com estes romances, que tem como contexto o Brasil patriarcal fez parte da metodologia utilizada no componente curricular *Organização do Trabalho na Escola e o Currículo*. Foi uma forma encontrada para o estudo sobre as teorias pós-críticas do currículo, bem como, para uma reflexão sobre as culturas silenciadas no currículo das escolas. As características do patriarcal no Brasil influenciam até os dias atuais o mandonismo e a submissão na vida da mulher, o que faz com que o feminicídio se torne recorrente.

Acreditamos que a educação tenha sido um fator relevante para a conduta dessas mulheres, pois, ao tempo em que eram diferenciadas das demais por terem acesso a educação, ou seja, eram instruídas, também podiam ser consideradas perigosas ao ter nessa educação,

um fator de ascensão social. Nesse sentido, indagamos: Como eram representadas essas mulheres nas obras dessas escolas literárias? Qual o papel da educação na ascensão social das mulheres do século XIX representadas nos romances *São Bernardo* e *O Quinze*?

Estes autores faziam parte da escola literária Modernismo e suas obras são de caráter regionalista e social. A mulher era representada com traços feministas, com defeitos, menos idealizada, mais voltada para a realidade, mais mundana, menos submissa e escolarizada. Sabemos, entretanto, que mesmo tendo a Literatura enfatizado uma mulher mais ousada, a sociedade patriarcal da época, ainda ditava as regras e normas a serem seguidas pela mulher, que, diga-se de passagem, eram de submissão e obediência ao pai ou marido.

2. A literatura como fonte metodológica para estudar as relações de gênero na perspectiva do currículo escolar

As mudanças que aconteceram com a decadência do patriarcado rural, entre elas, a influência das ideias Iluministas e positivistas enfatizadas pelos bacharéis, os produtos da Revolução Industrial, cada vez mais ligados a ideologia do consumo, os fazendeiros de café que começam a abandonar as casas grandes e irem morar nos sobrados das cidades fazendo com que costumes tradicionais secularizados sejam, gradativamente, substituídos.

A literatura, por exemplo, desempenhava ou pretendia desempenhar, entre as elites instruídas, um papel pedagógico na formação feminina. Dessa forma, a literatura constituía-se como expressão de uma concepção dominante e socialmente determinada de mulher e como instrumento pedagógico de imposição de valores, sendo algumas obras, inclusive, proibidas no círculo de leituras femininas.

Nas personagens das obras *O quinze* e *São Bernardo*, percebemos que o acesso à educação escolar e, conseqüentemente, as leituras, proporcionaram certa ascensão social nas professoras que eram exaltadas pelo fato de ter estudado e até temidas pelas ideias avançadas sobre a condição feminina. A transformação das personagens e o desnível cultural entre os maridos foram fatores relevantes para a falta de comunicação, a decepção amorosa e a ruína no casamento. No caso de Conceição, do romance *O Quinze*, a mesma tinha ideias liberais, principalmente no que diz respeito a ficar solteirona, não tendo dessa forma, a aprovação da avó.

Conceição tinha vinte e dois anos e não falava em casar. As suas poucas tentativas de namoro tinham-se ido embora com os dezoito anos e o tempo de normalista; dizia alegremente que nascera solteirona. (QUEIROZ, 1934, p.55)

Na obra fica perceptível que a personagem Conceição era feminista, não só por não querer casar-se, como as outras moças de sua idade, mas pelo fato de que ser culta, normalista e leitora lhe dava prazer. Ela até tinha flertes com o primo Vicente, um proprietário de terras, mas a visão diferente de mundo entre os dois, a fazia não querer casar-se com ele.

Em certo momento da obra, Conceição desconfia que o primo esteja de caso com uma "certa caboclinha" e indo conversar com a avó, indignada, a mesma responde: "Minha filha, a vida é assim mesmo... Desde hoje que o mundo é mundo... Eu até acho os homens de hoje melhores." (Ibid, p. 65). Conceição, uma mulher progressista e à frente de seu tempo, não aceita a situação e conforma-se em criar o afilhado Duquinha.

Outra grande característica de Conceição era livros feministas e socialistas, alguns até proibidos para as mulheres de seu tempo, o que exemplifica que a educação realmente foi o fator de diferenciação entre as mulheres daquela época. Também foi o livro e as leituras que direcionaram as mulheres a novas atitudes, as iniciativas de ficar solteironas, tanto que alguns foram proibidos, por serem considerados más influências. "O acesso aos livros de literatura era limitado e não passava, muitas vezes, do livro de orações, que servia também de iniciador das mulheres na página impressa." (MORAIS, 1998, p. 12)

Com relação a educação escolar, a mais conveniente para a mulher é explicitamente apresentada na maioria dos textos do Romantismo e Realismo, escolas literárias que antecederam o Modernismo.

– Aí está, resmungava a mãe; aí está para que serviu saberes mais do que eu! Bem dizia teu pai, a quem Deus haja; bem dizia ele, quando te pus no colégio, que nada haveríamos de lucrar com isso! (AZEVEDO, 1963, p.93).

– No seu tempo, dizia ela com azedume, as meninas tinham a sua tarefa de costura para tantas horas, e haviam de pôr pr'ali o trabalho! se o acabavam mais cedo, iam descansar?... Boas! desmanchavam, minha senhora! desmanchavam para fazer de novo!

E jurava que filha sua não havia de aprender semelhante instrumento, porque as desavergonhadas só queriam aquilo para melhor conversar com os namorados, sem que os outros dessem pela patifaria! (Ibid, 1988, p.49).

Mesmo quando se tem um acesso maior à educação, inclusive com a formação de professoras, a condição social feminina é vista como ameaçada pelas novas influências do meio educacional: a leitura e a formatura. É o caso da personagem Madalena, do romance *São Bernardo*, de Graciliano Ramos publicado em 1934.

Madalena era professora que se formou na Escola Normal sendo considerada, algumas vezes, motivo de orgulho do marido por ser escolarizada. Outras vezes, motivo de medo, já que Madalena tinha ideias próprias, chegando a opinar nas conversas entre o marido e outros fazendeiros, era uma mulher à frente do seu tempo, de sua condição social feminina. Além disso, Paulo Honório se sente diminuído diante de sua condição social de homem rude, bruto, sem instrução se comparado a Madalena, professora, culta, educada.

Madalena entrou aqui cheia de bons sentimentos e bons propósitos. A profissão é que me deu **qualidades tão ruins**. E a desconfiança terrível que me aponta inimigos em toda a parte! **A desconfiança é também conseqüência da profissão**. Foi este modo de vida que me inutilizou. Sou um aleijado. [...] (RAMOS, 1964, p. 176, grifos nossos)

Madalena é a representação de uma personagem que tinha estudo, que era professora, portanto, diferenciada das demais mulheres da época que geralmente, eram apenas donas de casa, obedientes ao marido e a um destino que lhes era imposto, desde o nascimento. Como sabia escrever, conversar com os homens que trabalhavam para seu marido, muitas vezes opinava nos negócios da fazenda São Bernardo o que causou, um ciúme doentio, a ponto de achar que estava sendo traído. O destino de Madalena, porém, é trágico, uma vez que não suporta o ciúme doentio do marido que a acusa de várias traições e ela acaba se suicidando.

Estes romances foram da década de 1930, porém nos dias atuais, ainda vemos situações similares. Mulheres que como Conceição, do

Romance *O Quinze*, não escolhem o destino que foi direcionado a seu gênero e são questionadas inúmeras vezes por isso. Esta foi uma fala recorrente das estudantes quando fizemos uma roda de debates sobre o tema.

Por outro lado, também discutimos sobre mulheres que se casaram, mas que pagaram e pagam um preço muito alto, (as vezes, com a própria vida), por não serem as esposas submissas e abnegadas do lar a que o gênero é direcionado. Todos os dias, os noticiários divulgam novos episódios tristes e trágicos de mulheres que sofrem violência de companheiros, maridos, namorados, tios, padrinhos, vizinhos a até de pessoas que não fazem mais parte de suas vidas.

Foi ouvindo diversas histórias nesse sentido ligadas as discussões de gênero no componente curricular *Organização do Trabalho na Escola e o currículo*, nas diversas licenciaturas, que surgiu a necessidade de trabalhar sobre a mulher do Brasil patriarcal utilizando os romances regionalistas aqui já citados.

As discussões, em sala de aula, nos levaram a perceber que o currículo, como uma construção social, vem negando as narrativas e debates sobre gênero, o que ocasiona uma visão errônea e arcaica de que o gênero é uma perspectiva biológica de divisão entre sexo masculino e feminino, com atribuições à cada um, tais como o cuidado atribuído à mulher e o trabalho intelectual, atribuído ao homem, acarretando uma visão desigual de forças. Nessa perspectiva, desde o nascimento, a criança já tem o direcionamento sobre o que deve fazer, como se comportar, de que deve brincar e até as cores que deve vestir.

As relações de gênero e a Pedagogia Feminista foram discutidas justamente para desmistificar questões impostas e naturalizadas na sociedade sobre o que é ser homem e mulher. Nesse sentido, Beauvoir (1980, p. 2), afirma que:

Ninguém nasce mulher, torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino.

Foram discussões acaloradas que geraram debates polêmicos, alguns desafios, mas a sensação de que a conscientização foi despertada em algumas pessoas. No ano passado, 2017, tivemos uma situação desafiadora em que um estudante, contrário à discussão, alegou que não havia motivos para que ela fizesse parte do componente e que não havia machismo em nossa sociedade, muito menos, desigualdade de direitos. Foi um momento difícil que teve que ser enfrentado com bastante diálogo entre duas turmas em que era professora.

Mais que uma relação desigual de forças acreditamos que as discussões sobre gênero se fazem necessárias em todos os componentes curriculares dos cursos de formação de professores, principalmente, nos Cursos de Pedagogia pois os estudantes, professores em formação, vivenciarão situações em que as relações de gênero, por vezes, serão de preconceito, desigualdade.

Ainda somos a geração que nos orgulhamos das conquistas que tiveram as mulheres, principalmente, nas últimas décadas, mas assistimos diariamente, situações em que as mulheres sofrem as mais diversas violências, geralmente de seus companheiros, pelo fato de ser mulher e não aceitar situações de mandonismo.

REFERÊNCIAS:

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. São Paulo: Ática, 1975.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. São Paulo: Editora Global, 2004.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. **A leitura de romances no século XIX**. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32621998000200005&script=sci_arttext. Acesso em: 22-03-2013

QUEIRÓZ, Rachel de. **O Quinze**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2002.

RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. Rio de Janeiro: Record, 1990.